

Terça-feira
1 de novembro
2022



Halloween no Parque Biológico de Gaia

Mitos e superstições! Aterrador ou “embuste”?



A 31 de outubro, o Parque Biológico de Gaia abriu as suas portas para uma visita diferente do normal. O escuro da noite, a densa floresta autóctone, mais os vários animais noturnos que nele se abrigam, fazem o “cocktail” perfeito para celebrar a noite mais misteriosa do ano - O Halloween!

Um dos grandes alicerces do Parque Biológico é a conservação da natureza e como tal é necessário proteger e conservar a fauna e flora existentes, principalmente aquela que se encontra mais ameaçada. É por isso que o Parque é especial, preparando uma atividade aberta ao público com o intuito de desmistificar superstições associadas a esta noite e que prejudicam a conservação de espécies como anfíbios, morcegos, aves de rapina e até algumas plantas.

O contacto do público com espécies que, de certa forma, ainda possuem alguma conotação social negativa, permite abrir fronteiras de conhecimento sobre o animal junto da população, bem como mostrar-lhe o seu alto valor para o ecossistema.



Foto: Mocho - galego (*Athene noctua*) por Jorge Gomes.

Morcegos

O Batman dos tempos modernos



Morcego-de-ferradura-grande (*Rhinolophus ferrumequinum*). Foto: Henrique Alves.

Os morcegos são animais que se encontram rodeados de crenças causando assim algum medo junto das populações. Isto porque possuem atividade noturna e vivem em grutas, minas, fendas de rochas ou construções abandonadas. Como tal, o comum cidadão não os consegue ver com facilidade.

Os morcegos da Europa e de Portugal são completamente inofensivos e alimentam-se exclusivamente de insetos. Eles assumem um papel importante no controlo de pragas e os seus excrementos (guano) são a única matéria orgânica existente no interior das grutas das quais vários invertebrados dependem para sobreviver.

Em Portugal são conhecidas mais de 25 espécies de morcegos e, segundo a lista vermelha de espécies ameaçadas, 3 encontram-se criticamente em perigo. São bastante pequenas, e é normal as pessoas pensarem que encontraram crias. As fêmeas, por norma, têm uma cria por ano entre abril e julho e, no inverno, abrigam-se em locais frios e altos para hibernarem.

Todas as espécies são protegidas devido às diversas ameaças de que são alvo. O uso de pesticidas e a destruição e perturbação dos seus abrigos são alguns dos fatores que incrementam a sua vulnerabilidade. No Parque Biológico é mais usual encontrarmos o morcego-anão (*Pipistrellus pipistrellus*).

Os Morcegos são cegos?

Falso

Os morcegos são mamíferos. Voam e orientam-se na perfeição no escuro. Eles utilizam um sistema de orientação - ecolocalização - através de ultrassom, para se deslocarem e caçarem. Associado a este mito encontra-se outro muito conhecido: É verdade que eles, como não veem bem, enrolam-se nos cabelos compridos? A resposta é também ela **falsa**. Devido à ecolocalização os morcegos evitam humanos mas a verdade é que eles são animais selvagens. Não atacam mas podem assustar se e reagir se os tentarmos capturar.

Os morcegos sugam sangue?

Falso

Estes animais são insetívoros e, em alguns casos, podem consumir mais de metade do seu peso em insetos numa só noite. Conseguem eliminar grandes quantidades de insetos que iriam, por exemplo, prejudicar na agricultura. Sabiam que no Alentejo usam morcegos em vez de pesticidas na manutenção das vinhas? E que a biblioteca da Universidade de Coimbra e a biblioteca de Mafra usam os morcegos para conservar e proteger os seus livros de moscas ou traças sem recorrer a químicos? Estas valências tornam o morcego um animal importante nos ecossistemas e, conseqüentemente, para o ser humano.

Os morcegos descansam de cabeça para baixo?

Verdade

Os morcegos descansam de cabeça para baixo pois para eles trata-se de uma maneira muito mais eficaz e eficiente. Ao encontrarem-se em sítios altos e de cabeça para baixo, ao deixarem-se cair estes começam imediatamente a voar, ao contrário das aves que conseguem fazer o mesmo por impulso das suas patas e asas. Ao descansarem e/ou hibernarem em sítios altos, o risco de serem apanhados por predadores é menor. É uma postura realizada sem qualquer gasto energético porque para além dos seus membros se encontrarem relaxados, os morcegos também possuem um mecanismo que mantém as suas garras fechadas.



Halloween no Parque Biológico de Gaia



O Mundo incompreendido dos Anfíbios

Sapos, Rãs, Salamandras e Tritões

Os anfíbios estão, a par dos morcegos, muito associados ao submundo. Uma vez mais esta associação surge pela sua ligação aos hábitos noturnos, pelo aspeto não ser muito apelativo e pelo seu habitat preferido recair em sítios húmidos que nos transportam automaticamente para algo frio, pantanoso e misterioso.

Assim sendo, ao longo dos tempos, quer os anfíbios quer os répteis possuem uma imagem bastante negativa junto das populações. A isto se deve o facto de estarem ligados às bruxas e à suas exímias poções. Será que é mesmo verdade que as bruxas colocam nos seus caldeirões tritões, asas de morcego e perminhas de rã?

Na verdade estas mulheres, curandeiros e até parteiras da Idade Média, possuíam uma imagem negativa por não seguirem as normas estabelecidas na época. O seu posicionamento na sociedade era visto com desdém e tudo o que pudessem fazer era visto de uma maneira misteriosa e diferente. Deduz-se que, para manter os ingredientes que necessitavam para o seu dia-a-dia em segredo, mudavam-lhes o nome para que as outras pessoas não adotassem as mesmas práticas ou que destruíssem os seus habitats. Assim, muitas das suas receitas que possuíam nomes de animais, eram na verdade referências a partes de plantas. Os seus ingredientes tinham de estar envoltos em segredo, tudo com o propósito de proteger os seus meios de subsistência.

Os anfíbios são muito importantes para o ecossistema mas ao mesmo tempo bastante frágeis. Assim sendo é imperativo protegê-los. O Parque Biológico é dos poucos locais onde existe uma imensa variedade de anfíbios dado o seu estado de conservação em que o parque se encontra. A quantidade e qualidade de charcos, minas de água, bem como a escassa poluição atmosférica e química existente, faz com que o parque seja um ótimo refúgio para estes animais.

De muitas espécies que existem no parque, há algumas que merecem uma referência especial. O sapo comum (*Bufo bufo*) é robusto, mede entre 6 a 15 cm e alimenta-se de pequenos invertebrados, ajudando assim no controlo de por exemplo excesso de caracóis.

A salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*), tal como o nome indica, possui pele lisa, brilhante, preta e com pintas amarelas. Habitam zonas húmidas em bosques próximos a charcos, rios e/ou ribeiras.

O Sapo-parteiro (*Alytes obstetricans*) é um sapo de pequena dimensão (5 cm) e o seu nome surge da particularidade de ser o macho que transporta os ovos na região dorsal e deles cuida até que esteja próxima a eclosão. Nessa altura liberta-se deles num charco para que os girinos sobrevivam e passem pela fantástica metamorfose que caracteriza a espécie. Por fim a Salamandra lusitânica (*Chioglossa lusitânica*) é considerada a nossa estrela dos anfíbios uma vez que é uma espécie endémica da Península Ibérica.



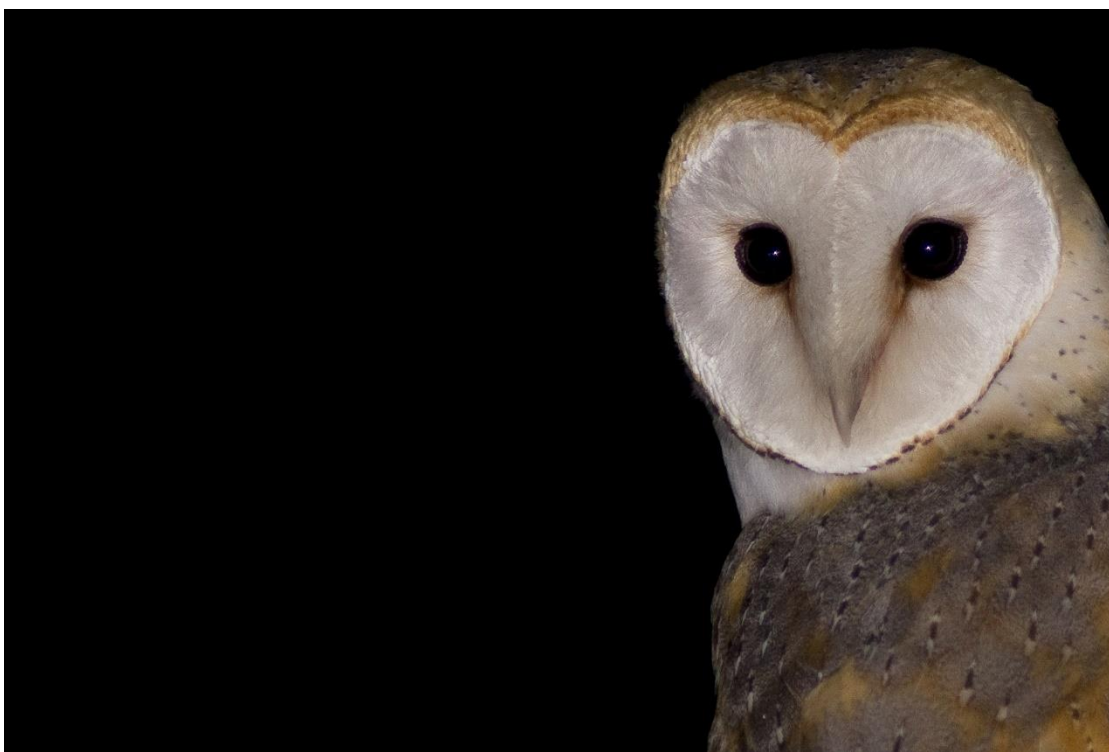
Sapo-parteiro (*Alytes obstetricans*)
Foto: João Luís Teixeira



Salamandra-de-pintas-amarelas (*Salamandra salamandra*) Foto: Jorge Gomes



Salamandra-lusitânica (*Chioglossa lusitânica*). Foto: João Luís Teixeira



Coruja-das-torres (*Tyto alba*) Foto: João Luís Teixeira

O piar das corujas é um prenúncio de morte ou azar?

Não. O canto das corujas, assim como de outras aves, serve para se comunicarem entre si. É possível ouvi-las com mais frequência no seu período reprodutivo com o intuito de conquistar um parceiro ou para defenderem o território. A presença de corujas tem um impacto positivo nos ecossistemas acarretando diversos benefícios: controlo de insetos, aranhas e até pequenos mamíferos como os ratos.

Infelizmente, é um animal carregado de mitos e preconceitos junto das pessoas como sendo um prenúncio da morte. A verdade é que as corujas vivem em áreas abertas e cultivadas, bem como em pequenas matas dispersas. Podem ser observadas de noite a procurar alimento junto às estradas, e nidificam em locais em ruínas como torres altas de forma a abrigar-se e refugiar-se dos predadores.

As corujas possuem adaptações morfológicas e comportamentais para a sua vida noturna que fomentam estas ideias mais misteriosas ao olhar humano. Os grandes olhos que possuem aumentam a eficiência da sua visão noturna e a sua audição é bastante apurada para assim conseguir detetar e capturar as suas presas. O seu voo é super-silencioso apanhando as suas presas desprevenidas e, acoplado a esse voo silencioso, a sua parte anterior é branca originando assim uma visão fantasmagórica a quem a vê voar.